
FORMAÇÃO DOCENTE: MEMÓRIAS, NARRATIVAS E COTIDIANOS

Helena Amaral da Fontoura^(*)
Maria Luíza Süsskind^(**)

*Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos...
Milton Nascimento*

Pesquisar na área de formação de professores é estar em meio a muitas possibilidades e grandes responsabilidades. Apresentamos no *Dossiê Formação Docente: memórias, narrativas e cotidianos* um conjunto de artigos que se articulam como um mosaico de pesquisas, imagens e abordagens contemporâneas do tema em questão trazendo contribuições de várias pesquisadoras e um pesquisador¹ de diferentes regiões do Brasil, de Portugal e da Argentina, com o objetivo de propiciar uma leitura plural alimentadora de nossas reflexões sobre este assunto sempre atual, polêmico, político que faz emergir coisas que vem de *dentro do peito*. Como nos sugere Milton Nascimento e nos trazem os textos, a formação docente é algo *bem mais perto que pensamos...*

A partir do recorte *memórias, narrativas e cotidianos* provocamos uma conversa entre produções que trouxessem as localidades e a nacionalidade dos debates do campo da formação docente em sua contemporaneidade, visando a ampliar debates com bom tom acadêmico e profundidade teórico-epistemológica, na busca de uma trajetória em que escolhemos valorizar os *saberesfazeres* das/dos professoras/es e suas *redes de conhecimentos e subjetividades*.

Assim, as conversas com autores portugueses são como uma rua de mão dupla e aparecem aqui tecidas em redes de referências e valorizadas em nossas relações de parceria. Entre o Minho, em Portugal e São Carlos, no Brasil, o artigo inicial *Entre o amor e o ódio: narrativas de avaliação das aprendizagens em Portugal e no Brasil* de Maria Alfredo Moreira e Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira nos ajuda a pensar e cruzar muitas fronteiras nas reflexões sobre formação a partir do estudo com professoras brasileiras e portuguesas em grupo colaborativo de formação

^(*) Uerj/FFP.

^(**) UniRio.

¹ As óbvias questões de gênero, sabemos, abalroam as questões da docência.

online utilizando-se da escrita de narrativas de formação, que assumiram um formato de registro de memória e do cotidiano docente. A partir de um aporte teórico metodológico referenciado na formação de professores de natureza reflexiva crítica as autoras discutem experiências de avaliação vividas pelas docentes enquanto alunas, tendo como fonte dados de socialização das narrativas num fórum online. Também na entrevista, que fecha o dossiê, Maria Assunção Flores conta a Helena Amaral da Fontoura sobre o trabalho que desenvolve no campo do “fazer docente” em Portugal, sobre as contribuições para nós pesquisadoras/es brasileiras/os interessados no tema, ajudando a conhecer também o International Council on Education for Teaching (ICET), organização que há muito se preocupa com o tema internacionalmente, e que é presidida no momento pela entrevistada.

Mirando outros *espaçostempos*, o segundo artigo, *Formação continuada centrada na escola: intercambiando experiências* de Jacqueline de Fátima dos Santos Morais e Mairce da Silva Araújo traz experiências de investigação-formação nas quais a articulação entre práticas de formação e contextos reais de trabalho tem sido o foco, enfatizando a parceria entre universidade e escola. As autoras sustentam a concepção de que a universidade seria o lugar privilegiado de proposições acerca da formação “do outro”, como aspecto relevante aos processos de formação docente.

Outro percurso importante dos estudos de processos de formação é trazido pelos muitos diálogos com a América Latina, valorizados aqui, especialmente, no artigo de Daniel Suarez *Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes en el nivel inicial de la provincia de Buenos Aires*, que apresenta uma rede de “formação, investigação e ação” orientada à (re)construção do mundo pedagógico, tendo como referência o narrado pelas professoras e professores que o habitam e praticam. Assim, o artigo oferece resultados de um projeto de documentação narrativa de experiências pedagógicas desenvolvidas em coparticipação entre pesquisadores e docentes de três regiões educativas da província de Buenos Aires, Argentina.

Neste sentido, defendemos que pensar a formação docente requer intensa reflexão sobre o que constitui o *ser docente*. Garcia e Pryjma (2013) afirmam que as concepções prévias sobre ensino tornam-se o fio condutor para reflexões, compreensões e novas aprendizagens sobre a função docente. Para Garcia (2009), a docência é a única profissão em que os futuros profissionais vivenciam um grande período de suas vidas de socialização prévia, já que durante muitos anos somos alunos expostos a modelos e vivências que nos trazem concepções sobre ser professor. Cunha (1997) complementa essa visão, explicitando que todos nós professores fomos alunos, vivenciamos experiências de ensino, fomos nos (con)formando com modos de ser e estar docentes, construindo crenças, valores e expectativas com relação à docência. Assim, nas narrativas que

encontramos feitas por sujeitos de nossas pesquisas, aparecem explicitadas aprendizagens e concepções que formam as redes de formação, investigação e ação que entrelaçam nossos fazeres de docentes, pesquisadores, aprendizes que fomos e somos, construindo e desconstruindo experiências vivenciadas, memórias e narrativas .

Seguindo Fontoura (2008), sugerimos considerar nos programas e projetos de formação docente a realidade vivenciada e experienciada pelos docentes implicados no processo de formação, explicitada em suas narrativas; em outras palavras, tornar-se professor abarca a constituição de aspectos pessoais, profissionais e sociais. O processo de formação docente, então, perpassa pela conscientização e reflexão de ordem individual e deve ocorrer dentro de um contexto social, político e econômico (GARCIA; PRYJMA, 2013), portanto a responsabilização pela formação docente é coletiva, de professores, de professores formadores, de pesquisadores, de instituições.

Neste número 37 da *Revista Teias*, trazemos resultados de estudos que consideram as memórias, as narrativas e os cotidianos da formação e que conversam entre eles dando relevo a características da formação docente como a *permanência dos processos formativos* ao longo da vida profissional, a *cotidianidade desta formação* em que professores e professoras fazem com/nos cotidianos das escolas, e ainda *as múltiplas relações entre a universidade e a educação básica*, conforme trouxemos também em nossos trabalhos anteriores (notadamente, Fontoura, 2013 e Süsskind, 2011). As conversas aqui tecidas nos artigos e entre eles sugerem importante articulação entre estes aspectos e chamam atenção para as tessituras de redes de conhecimentos e fazeres entre docentes.

Narrativas, relatos, escritas e conversas bricolados em pesquisas como sendo narrativas de si mesmos e dos processos, memórias e expectativas da formação profissional, sustentam-se, teoricamente, na necessidade de ouvir o que os praticantes da vida cotidiana (CERTEAU, 1994) têm a dizer. Um dos movimentos das pesquisas aqui trazidas é o de desinvisibilização destas falas. Ele suporta o reconhecimento do trabalho dos professores (inclusive/principalmente os em formação) a partir do que *narram* sobre como *aprendem com si mesmos a serem professores* e como *pensam/praticam/criam currículos e conhecimentos* nos cotidianos das escolas. Entendendo, portanto, professores (e, claro alunos) como produtores de conhecimento e inventores de táticas de consumo de cultura, nós pesquisadores decidimos educar ouvidos e todos os sentidos (ALVES, 2001) para estarmos atentos tanto às vozes que se escondem nos uníssonos institucionais, mas soam como polifonia (MARCUS, 1998) ao pesquisador quanto termos sabedoria suficiente para ouvir e compreender as muitas “camadas de vozes” (AOKI, 2005) que se amontoam nas salas de aula e nas histórias contadas por professores. Acreditamos que *fazendo pesquisa com* os professores

nasdascom as escolas temos alguma, mesmo que mínima, possibilidade de superar o Ego Cartesiano (FERRAÇO, 2003; SÜSSEKIND, 2010; AOKI, 2005) e as dicotomias do paradigma científico que causam invisibilização e cegueira obnublado as práticas de emancipação social (SANTOS, 2000; SÜSSEKIND, 2010; OLIVEIRA, 2007) presentes nas práticas e narrativas de formação aqui recolhidas neste número da *Revista Teias* e espalhadas ***pele ar*** em muitas redes no Brasil, Portugal, Argentina e além.

Ao entender e interpretar o mundo e as salas de aula numa aproximação que é imaginada por Alves (2001) como um mergulho nos cotidianos escolares onde procuramos beber em todas as fontes (idem) as pesquisas aqui apresentadas renunciam a hierarquias e autoridades trazendo os relatos de professores e professoras como conhecimento socialmente válido, embora invisibilizado como tal, mas que deve ser registrado e compartilhado, se enfrentamos o desperdício da experiência (SANTOS, 2001) e fazemos com, sendo todos homens ordinários (CERTEAU, 1994). Criadores de cultura, invertemos, subvertemos gazeteiramente criando e relatando as artes do fraco, as artes do fazer, do ser professor, usando astúcias e agarrando oportunidades. Tornados os protagonistas² nas pesquisas por meio de suas narrativas que tecem práticas que precisam ser pensadas, compartilhadas e entendidas de modo não monocultor (SANTOS, 2004), os artigos que compõem este número da *Teias* trazem professoras e professores vivos, entendidos como praticantes que bricolam currículos nos cotidianos enquanto narram suas artes de formação, quando ***querem falar de umas coisas...***

Assim fazem Amanda Motta Castro e Edla Eggert Eggert em *O processo pedagógico invisível desenvolvido por mulheres: o ensinar e aprender da tecelagem manual nas Minas Gerais* a partir da tessitura de um olhar sobre gênero nos convidam a pensar sobre as práticas do aprender do artesanato e a invisibilidade da produção das mulheres desenvolvida na cidade de Resende Costa, em Minas Gerais. A pesquisa tem como base o conhecimento feminista e a educação popular, visando trabalhar, sobretudo, nos estudos que vêm sendo produzidos e problematizados no Brasil e na América Latina, tendo como aporte metodológico observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida.

No mesmo caminho, Cristiane Elvira de Assis Oliveira em *Artes de fazer uma pesquisa no/do/com o cotidiano escolar* apresenta um modo próprio de fazer pesquisa em uma escola de educação em tempo integral no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, a partir de dois

² O termo protagonista é usado por Carlos Eduardo Ferração (2007).

movimentos: o mergulho no cotidiano escolar e as cirandas de conversa com professoras da educação infantil.

Alimentando o debate, em *Memórias em tessituras: registros de histórias, vida e trabalho* Ela Beatriz Piatti e Sonia da Cunha Urt refletem acerca do recurso metodológico das narrativas na pesquisa em educação a partir das memórias que sujeitos trazem em sua história de vida e trabalho. Segundo as autoras, as professoras, ao narrarem suas trajetórias, representam sujeitos concretos, culturais e sociais, cuja singularidade é forjada, a partir das relações sociais e culturais que estabelecem ao longo da vida. Suas lembranças rememoradas podem contribuir para repensar a formação docente frente aos seus aspectos constitutivos possíveis de serem alvo de reflexão e transformação.

Fechando o dossiê, o artigo *Práticas formativo-investigativas pautadas nas narrativas de professoras do primeiro ciclo: contribuições ao desenvolvimento profissional*, de Filomena de Arruda Monteiro, procura compreender o desenvolvimento profissional de professores em exercício, concebendo esse fazer docente como um dos contextos formativos diferenciados no processo de tornar-se professor. O recorte apresentado neste texto emergiu das narrativas das professoras em exercício, na tentativa de explicitar indagações em torno de como significam e ressignificam o fazer docente, no contexto de três escolas municipais de primeiro ciclo em Cuiabá, Mato Grosso, buscando entender como suas experiências na docência são construídas, sustentadas e recontextualizadas, bem como a relação destas na constituição de suas identidades.

Entendemos com os artigos, que o cotidiano e as experiências vividas e narradas nos diversos *espaçostempos* de formação de professores são tomadas como centrais para o estudo dos processos pelos quais nos tornamos professores, portanto fundamentais para pensar os currículos, conhecimentos e questionamentos identitários comuns à formação docente. Ao questionar o porquê de narrar e escrever sobre e si e sobre as relações quando estamos pensando na formação profissional que ainda, infelizmente, padece sob a sombra da prescrição, aliando a ideia de aprender, narrar e historicizar, contextualizar e enredar conhecimentos e trajetórias de vida, ou seja, num resgate da experiência vivida é que construímos a *aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade* (GOODSON, 2007).

Argumentando, portanto, que a perspectiva de mergulhar no cotidiano da formação oferece suporte epistemológico e metodológico para pensarmos processos de construção de si e do outro seja para enfrentar a ideia de um ser humano que reproduz, passivamente ideias (SÜSSEKIND, 2012), mas, também, para fazer o esforço de ouvir nas muitas camadas de vozes aquilo que os

outros silenciam em suas ilegitimidades e pensar-se como docente e narrar estas experiências. Os cotidianos da formação docente são repletos de complexidades e dicotomias, entre a indissociabilidade e a subalternização das práticas às teorias, da experiência à ciência, nas constantes indagações ontológicas, em inconformismos, dissensos, e, às vezes, de suposta repetição. Narrativas de formação por vezes assumem essa postura de suposta passividade enunciando uma formação pela *transmissão de conhecimento*, a favor da noção que alia professor à autoridade, como detentor de um conhecimento único ou superior, neutro, isolado, objetivo e racional. Outras vezes assumem impotência, conformismo, culpabilização. Muitas das narrativas aqui nos brindam com sabores de inconformismo, valorização, possibilidades e potências, como a potencia das redes.

Temos aqui artigos que nos encorajam a enfrentar as ideias abstratas de professor – definidas muitas vezes como um perfil ao longo dos estudos de graduação e muitas vezes “demonizante” (PINAR, 2012) – que passa a ser personalizada pelos alunos quando estagiam e pesquisam nas escolas e por meio das protagonísticas participações de professores nas conversas complicadas que dão contorno aos currículos (idem) no cotidiano do fazer pedagógico. Os textos desta *Revista* falam de/com professores e professoras que sentem, que vivem nas escolas reais, que se formam nas universidades, nos estágios, em pesquisas, em cursos semipresenciais...

Redefinido o conhecimento a partir de um redimensionamento da relação *praticateoriapratica* e entendendo-o como patrimônio cognoscitivo (GINZBURG, 1989), não individual, as pesquisas apresentadas nos artigos do dossiê enfatizam “as práticas” cotidianas narrativas como criação/tessitura/bricolagem de conhecimentos na formação de professores e nas suas práticas de *aprenderensinar*. Apresentam-se como tentativas de mapear caminhos (SANTOS, 2004) e construir pontes³ (AOKI, 2005) de entendimento sobre o que é ser professor, como se fazem os currículos, e tantas outras coisas que *desviaram nossos destinos*. Como um palimpsesto os relatos e narrativas escrevem sobre a re-compreensão e des-conquista do mundo, sobre experiências e práticas de formação que *devem estar dentro do peito ou caminham pelo ar*, como trazem os artigos do número 37 da *Teias* que tivemos o prazer de organizar.

*Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Tantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto.*

Milton Nascimento

³ Aoki (2005) “qualquer ponte é mais que uma ponte física”.

Ainda neste número, fora do dossiê, trazemos 4 artigos também relacionados às questões da formação e dos cotidianos. De Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva, Tania Mara Zanotti G. F. Delboni e Dulcimar Pereira trazemos *Entrecruzando ciência e cultura nas práticas pedagógicas curriculares* que debate as fronteiras entre ciência e cultura, problematizando os conhecimentos científicos nos modos pelos quais são abordados, nos currículos praticados nos cotidianos escolares, focalizando a ciência como uma cultura estrangeira. As autoras utilizam os conceitos da desconstrução e da hospitalidade, tradução, hibridismo e negociação concluindo pela necessidade de uma “ética nova” no exercício das práticas pedagógicas curriculares, conjugada à tarefa epistemológica de reinvenção do trabalho de negociação para novas composições que hibridizem as fronteiras dos conhecimentos experienciados nos cotidianos escolares.

A reflexão de Rosana Aparecida Fernandes sobre *Decursos e trajetos do aprender: currículos vagantes* indaga sobre o aprender e atos que levam os corpos a ultrapassarem seus limites e comporem novos aprendizados, buscando saber das possibilidades de antecipar as contingências que vão desencadear um aprendizado. No artigo, as ações do aprender são devolvidas às relações de heterogeneidade entre signos e respostas, uma vez que o aprender se dá no desenrolar de respostas impossíveis de serem antevistas. Para a autora, a aprendizagem requer um currículo capaz de cartografar, capturar as relações de forças e ressaltar, no percurso e no percorrido, linhas, fluxos, composições, modos de pensamento e possibilidades de vida.

Não merece menos atenção o último artigo *Novos Cenários e Modelos para a Formação do Profissional da Saúde para o SUS e as propostas da Comissão Independente 2010* escrito por Dinair Leal da Hora, Regina Maria de Carvalho Erthal e Claudia Teresa Vieira de Souza. Nele, as autoras apresentam uma discussão a respeito dos novos cenários da formação do profissional da saúde para o Sistema Único da Saúde – SUS e sua relação com as propostas apresentadas no relatório intitulado *Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in a interdependent world*, da Comissão Independente em 2010, trazendo recomendações para a adoção de modelos educativos na formação de uma nova geração de profissionais para lidar com os desafios presentes e futuros na área de promoção da saúde. Apesar das políticas e dos programas governamentais criados no Brasil desde 2001 e de iniciativas institucionais, a formação dos profissionais da área da saúde ainda é orientada por uma concepção hospitalocêntrica que categoriza os adocimentos por critérios biologicistas e dissocia clínica, política, e os princípios do SUS como defendem as autoras estabelecendo forte conexão com os debates sobre formação desta *Revista*.

O volume 37 da *Teias* traz ainda a Resenha do livro do filósofo e epistemólogo Michel Serres, *Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*, editado pela Bertrand Brasil em 2013, intitulada “Cabeças vazias e dedos velozes: uma análise da sociedade pedagógica” por Maria Carolina da Silva Caldeira, que define o livro como “um modo de teorizar a respeito da contemporaneidade” sendo a Polegarzinha uma representação dos excluídos/as como indivíduos que se multiplicam, se pluralizam, se conectam, invadem salas de aula e reivindicam que suas vozes sejam ouvidas. Defensor e entusiasta desses novos modos de ser e estar no mundo, marcados, entre outras coisas, pela presença significativa das tecnologias da informação e da comunicação, Serres elogia “as notas, o hospital, as vozes humanas, as redes, os aeroportos e passaportes, todos eles símbolos desse tempo volátil. Em contrapartida, há um túmulo, o túmulo do trabalho que, de modo semelhante ao que ocorre com a escola, entendia os/as polegarezinhas/as que lá também tagarelam, pois, para Serres, a necessidade (não apenas das crianças e jovens, mas de todas as pessoas) é de comunicar-se”.

Por tudo isso, afirma-se a relevância das narrativas que habitam os cotidianos. Relicários do campo de *saberesfazeres*, assuntos de conversas e relatos das práticas e *espaçotempo* privilegiado de conhecimento da complexidade dos fenômenos sociais, aqui em foco nos lugares de formação como as universidades, escolas, pesquisas, histórias de vida, e tantos outros. Pesquisar com narrativas na formação de professores, com os cotidianos, com as memórias, envolve não só os modos de pesquisar, mas os modos de escrever essas pesquisas e os *comosporquês* de se fazer pesquisa. Por isso as narrativas e memórias de professoras tomam protagonismo nos artigos aqui traduzidos e valorizam os conhecimentos *da formação, renovam a esperança* daqueles e de outros que habitam os cotidianos e fazem as escolas e os (per) cursos de formação com o compromisso político epistemológico *de cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Imagens das escolas. In: Alves, N; SGARBI, P. (Orgs.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- AOKI, T. *Curriculum in a New Key: The collected works of Ted Aoki*. NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1 - artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997. Disponível: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 10/03/2013.
- FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. In: Revista de Ciência da Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, v. 28, n. 98, jan./abr. 2007.
- _____. Eu caçador de mim, In: GARCIA, R. L. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

-
- FONTOURA, H.A. Ensino Superior e Educação Básica: a construção de uma política de formação de professores. In PIMENTEL, SC; LOPES, AL; SOUZA, LDS. (Orgs.) *Formação de Professores: políticas, saberes e práticas*. Feira de Santana, BA: Shekinah/Fapesb, 2013.
- FONTOURA, H. A. Formando professores que aprendem a partir dos relatos: uma experiência na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 29, p. 137-146, jan./jun. 2008.
- GARCIA, C.M.; PRYJMA, M. A aprendizagem docente e os programas de desenvolvimento profissional. In: PRYJMA, Marielda. (Org.). *Desafios e trajetórias para o desenvolvimento profissional docente*. Curitiba: Ed. UTFR, 2013.
- GARCIA, C. A identidade docente: constantes e desafios. *Form. Doc.*, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez., 2009. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: 12/08/2011.
- GINZBURG. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GOODSON, I. Currículo, narrativa e o futuro social. *Rev. Bras. Educ.*, RJ, v.12, n.35, 2007.
- MARCUS, G. *Ethnography through Thick & Thin*. New Jersey: Princeton University Press, 1998.
- OLIVEIRA, I. B. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos. *Revista Educação & Sociedade*, v. 28, n. 98, Campinas: Cedes, jan./abr. 2007.
- PINAR, W. *What is Curriculum Theory*. Second Edition. NY: Routledge, 2012.
- SUAREZ, D. Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. (Org.). *La Investigación educativa: una herramienta de conocimiento y de la acción*. Buenos Aires: Novo Educ, 2007.
- SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SÜSSEKIND, M.L. O estágio como entrelugar nos relatos de formação. In: SÜSSEKIND, M.L.; GARCIA, A. (Orgs.). *Universidade-escola: Diálogos e formação*. Petrópolis: DP et Alii, 2011.
- _____. O ineditismo dos estudos nos/dos/com os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil. *Revista e-currículo*, São Paulo, v. 9, n. 2, ago./2012.